

AS DIMENSÕES DA FILOSOFIA BEAUVOIRIANA

JOSIANA BARBOSA ANDRADE¹;
LUÍS EDUARDO XAVIER RUBIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – josyyandrade17@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luisrubira.filosofia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido pretende indicar a nossa hipótese de que a filosofia beauvoiriana é constituída por três dimensões interdependentes, que se influenciam reciprocamente: a *teórica*, a *literária* e a *prática*. Ela se contrapõe às interpretações que sugerem, em alguma medida, a ideia de que a obra beauvoiriana seria fragmentada, tais dimensões – que, até então, não estão a ser suficientemente bem evidenciadas – acabam sendo confundidas entre si, sem haver um reconhecimento necessário delas conforme as suas particularidades. Desvelaremos a hipótese proposta a partir da concepção de existencialismo de Simone de Beauvoir, que revela, entre outras coisas, a sua ideia de filosofia.

Apesar da existência de rigorosos e competentes estudos acerca da obra de Simone Beauvoir, a sua filosofia e, por sua vez, o seu existencialismo, permanece a ser estudada, não raramente, a partir de dados etiológicos, cuja consequência é um sutil eclipsamento da própria filosofia beauvoiriana – enquanto singularidade – e, em especial, de sua dimensão teórica. Em estudos específicos sobre a temática, por exemplo, tanto Kristana Arp, em “Simone de Beauvoir’s existentialism: freedom and ambiguity in the human world” (2012), quanto Juliana Oliva, em “Existencialismo beauvoiriano: por uma filosofia da generosidade” (2019), que buscaram retratar o existencialismo de Simone Beauvoir, não citaram o texto “Qu’est-ce que l’existencialisme?”, da filósofa, publicado, originalmente, no jornal *France-Amérique*, em 25 de junho de 1947, mas que fora traduzido e publicado nas coletâneas *Philosophical writings* (2004), organizada por Margaret Simons, e *Fragmentos existencialistas* (2019), organizada por Leandro Sánchez Marín. Consequentemente, ambas as estudiosas não apresentaram, objetivamente, a definição beauvoiriana de existencialismo, ao longo de seus textos supracitados.

Ao escrever-se sobre o existencialismo, quase que espontaneamente, a tendência é associá-lo, originalmente, à filosofia de Sartre. E o que é “espontâneo” propende-se a ser assumido como dado. Foi o que aconteceu, no geral, nos estudos acerca do pensamento beauvoiriano. Em textos específicos sobre o tema – o existencialismo de Simone de Beauvoir – a definição de existencialismo aparece como pressuposto, não como problema; esse pressuposto é a definição sartreana; o que é tratado como objeto de problematização, no final das contas, não é definição da filósofa de existencialismo, mas como elaborou sua filosofia dentro do contexto existencialista. Ela não surge, conforme apontou-nos, Kate FULLBROOK e Edward FULLBROOK (1998), como alguém que foi ideóloga do movimento de constituição da nova doutrina que estava a surgir na França dos anos 1940, mas como alguém que fizera “parte” dele. É-se dito, quase sempre, que ela “arruma”, “expande”, “modifica”, “rompe”, “esclarece”, “continua”, mas, quase nunca, que ela também criou o existencialismo, que foi tornado sinônimo de filosofia sartreana. Afinal, aí seria pedir demais – uma mulher criando, no mesmo nível que os homens, uma doutrina filosófica que disputa uma interpretação acerca da condição humana?

Ora, foi o que ocorrera. Em vista disso, para compreendermos a sua concepção de existencialismo e, por conseguinte, de filosofia tal como ela apresentou, o caminho não é outro senão o de ir em seus próprios escritos.

2. METODOLOGIA

Ao longo de nosso estudo, estamos a utilizar, dentro de certos limites, o método estrutural indicado por Victor Goldschmidt (1970) e Martial Guerroult (2007) – o de compreender Simone de Beauvoir a partir de Simone de Beauvoir. Daí, aderimos à indicação que ela realizou, em sua resenha de *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty, defendendo, em concordância com Hegel, que só se poderia compreender uma verdade ligando-a ao movimento de pensamento de quem a engendrou (PP, p. 10)¹; e em sua autobiografia, na qual escrevera que “um livro só adquire seu sentido verdadeiro quando se sabe em que situação, em que perspectiva foi escrito e por quem” (FI, p. 13).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ter escrito, em diversos ensaios da década de 1940, a respeito de sua definição de existencialismo, Simone de Beauvoir a evidenciara, precisamente, em sua conferência “Qu'est-ce que l'existencialisme?”. Nela, afirmara que o existencialismo, à diferença das filosofias de sistema que se distanciaram do mundo vivido, “tinha a intenção de reviver a grande tradição da sabedoria antiga que, embora envolvesse física e lógica difíceis, propusera também uma atitude concreta a todos” (QE, p. 37); ele, daí, “apesar de apoiar-se em base teóricas mais sérias, também afirmava ser uma atitude prática e viva em relação aos problemas colocados (QE, p. 37). Tal concepção foi sugerida e indicada em outros textos, tais como em “Uma existencialista observa os americanos” (2018 [1947]), em que definira o existencialismo “como uma doutrina que visava – como as filosofias da Antiguidade – desvelar a verdadeira medida do homem e seus valores” (EOA, p. 139); e no prefácio de *O existencialismo e a sabedorias das nações* (1965 [1948]), no qual escrevera que não haveria “divórcio entre filosofia e vida” (PESN, p. 12). De sua associação com os antigos, o que nos interessa no momento, é a ênfase na relação entre filosofia e vida, entre doutrina e atitude prática; é por meio dela que podemos explicitar a ideia de filosofia beauvoiriana.

Para os antigos, conforme Pierre HADOT (2014), uma doutrina filosófica se revelava em uma maneira de viver, sendo esta, a um só tempo, meio e expressão de uma filosofia, de modo que seria impossível separar uma doutrina de uma determinada maneira de viver. Com isso, a filosofia era, pois, formada não somente por uma doutrina escrita – em alguns casos, mas também por uma prática vivida, em que a moral enquanto maneira de viver aparece como um elemento essencial. Tal relação entre a doutrina filosófica escrita e a prática filosófica, contudo, não era hierárquica, mas recíproca. De forma análoga, Simone de Beauvoir concebera a

¹ Utilizaremos as seguintes abreviaturas das obras de Simone de Beauvoir: (PP) = “La Phénoménologie de la perception de Maurice Merleau-ponty”; (QE) = “¿Qué es el existencialismo?”; (PESN) = Prefácio de *O existencialismo e a sabedoria das nações*; (MEE) = “Mi experiencia como escritora”; (FI) = *A força da idade*.

sua filosofia. Ao definir o seu existencialismo como, simultaneamente, doutrina escrita e maneira de viver, ela explicita também a forma como pensara a própria filosofia e, por conseguinte, o filosofar. A filosofia, em sua concepção, não se reduz a um discurso teórico, ainda que faça uso dele.

Podemos compreender, à luz disso, que a filosofia beauvoiriana possui, ao modo de uma tradição dos antigos, uma dimensão escrita e uma dimensão prática. Todavia, à diferença deles, Simone de Beauvoir não buscará, em seus escritos, *explicar* a realidade humana, limitando-a ao seu aspecto objetivo, mas *descrevê-la* e *explicitá-la* em sua totalidade – visando tanto o seu aspecto objetivo quanto o subjetivo – que é sempre desvelada de maneira destotalizada. Para isso, o seu ponto de partida sempre será a experiência vivida antes de qualquer conceitualização; tal experiência, a seu ver, não pode ser desvelada, em sua totalidade, *de uma só vez* e somente por uma técnica de compreensão humana. Considerando isso, a fim de descrever e explicitar a experiência humana em sua totalidade, ela utilizara, ao elaborar a sua filosofia existencialista, mais de uma técnica para fazê-lo: escrevera textos teórico-filosóficos e textos literário-filosóficos. “Precisamente, quando tinha convicções claras, quando queria dizer algo preciso que não implicasse ambiguidade e nem contradição” (MEE, p. 103), elaborava aqueles; e “quando queria apresentar o aspecto vivido de uma experiência, com suas ambiguidades e contradições” (MEE, p. 103), estes. Dessa forma, é preciso enfatizar que, em nenhum contexto, um texto teórico-filosófico seu pode ser confundido com o um literário-filosófico, na medida em que eles possuem finalidades diferentes. “Enquanto o primeiro realiza uma reconstrução intelectual e conceitualizada da experiência humana, o segundo retrata essa experiência tal como ela se apresenta no mundo” (ANDRADE, 2021).

Diante disso, é-nos possível afirmar que as dimensões teórica e literária – que formam a obra escrita beauvoiriana – constituíram-se a partir da dimensão prática, e, de maneira dialética, na dimensão prática, tornou-se possível a ela expressar elementos constitutivos das dimensões teórica ou literária. Ela partira da experiência vivida com o projeto de desvelá-la; ao desvelá-la, retorna a olhar e a viver essa mesma realidade; ao fazê-lo, a própria realidade é olhada com um novo revestimento, podendo ser *vivida* de maneira diferente, de um jeito que o desvelamento, em alguns casos, poderia conduzir a uma desmistificação, sendo, pois, o fio condutor de sua filosofia a moral – *qua* maneira de viver; e o objeto, as experiências humanas.

4. CONCLUSÕES

A partir da hipótese de que a filosofia beauvoiriana é constituída por três dimensões – a teórica, a literária e prática, torna-se possível evidenciar a autonomia e a interdependência de cada uma delas, que, não raramente, ainda são confundidas, ocasionando danos para a compreensão da filosofia de Simone de Beauvoir como um todo. Ao reconhecer-se essa relação de autonomia e interdependência entre elas, pensamos que muitas das dificuldades que se apresentam, ao estudar-se a obra beauvoiriana, que possui diferentes pontos de vistas, ainda que uma única perspectiva – a existencialista – podem, em alguma medida, serem diminuídas. Ao elaborarmos a hipótese proposta, fizemo-no não somente a partir da própria indicação da obra da filósofa, mas também para fins analíticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, J. “Simone de Beauvoir e a dimensão metafísica da existência: uma análise de *A convidada*”, **Philia**, Porto Alegre, vol. 3, nº 1, pp. 495-528, 2021.

ARP, K. “Simone de Beauvoir’s existentialism: freedom and ambiguity in the human world”. In: CROWELL, S. **The Cambridge Companion to Existentialism**. New York, Cambridge University Press, 2012.

DE BEAUVOIR, S. “Prefácio”. In: DE BEAUVOIR, S. **O existencialismo e a sabedoria das nações**. Trad. Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965.

_____. “Uma existencialista observa os americanos”. In: DE BEAUVOIR, Simone. **Brigitte Bardot e a síndrome de Lolita & outros ensaios**. Trad. Magda Guadalupe dos Santos e Paulo Sartori. Belo Horizonte: Editoras Associadas, 2018.

_____. *A força da idade*. Trad. Sérgio Milliet. Nova Fronteira: São Paulo, 2018.

_____. “¿Qué es el existencialismo?”. In: DE BEAUVOIR, Simone. **Fragmentos existencialistas y otros textos**. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo Ediciones, 2019.

_____. “Mi experiencia como escritora”. In: DE BEAUVOIR, Simone. **Fragmentos existencialistas y otros textos**. Trad. Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo ediciones, 2019.

_____. “La Phénoménologie de la perception de Maurice Merleau-ponty”. **Éditions de Minuit**, Paris, n. 144, 2020.

FULLBROOK, K.; FULLBROOK, E. **Simone de Beauvoir: A critical introduction**. Malden: Polity Press, 1998.

HADOT, P. **O que é filosofia antiga?**. Trad. Dion davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2014.

OLIVA, J. “Existencialismo beauvoiriano: por uma filosofia da generosidade”, **Ipseitas**, São Carlos, v. 5, nº 2, pp. 13-26, 2019.